

HIBRIDISMO CULTURAL E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM UMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO CRÍTICO

*William Mineo Tagata**

RESUMO: O presente artigo investiga o conceito de hibridismo cultural e sua relevância para uma análise das questões de linguagem, cultura, e identidade em um mundo marcado por intensas trocas culturais e pela necessidade de abertura a diferentes saberes e modos de vida. Sugere que o ensino de língua inglesa em uma perspectiva de letramento crítico pode conscientizar alunos e professores do hibridismo constitutivo de línguas e culturas. Esse processo de conscientização faz parte da formação de cidadãos críticos, capazes de se engajarem em práticas de tradução cultural, lidando com conflitos e convivendo com visões de mundo e interpretações oriundas de contextos culturais diversos.

PALAVRAS-CHAVE: Hibridismo; Ensino de inglês; letramento Crítico.

Introdução

O conceito de hibridismo percorreu um longo caminho desde sua origem no século 19, até sua utilização nos estudos culturais e literários na contemporaneidade, áreas em que figura como principal argumento contra a suposta uniformidade, fixidez ou estabilidade das línguas e culturas. Para Raab e Butler (2008), o conceito tornou-se uma metáfora de grande utilidade para analisar situações de contato e troca interculturais, particularmente nos estudos pós-coloniais. Nesses estudos, o hibridismo caracteriza qualquer mistura linguística, discursiva e intercultural, entendendo-se mistura não como fusão homogênea, mas como uma conexão de partes diferentes. Baseando-se no pensamento do

* Doutor em Letras (Usp). Professor Associado 1 da Universidade Federal de Uberlândia, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

antropólogo Renato Rosaldo, Raab e Butler sugerem que o hibridismo é a condição primária de todas as culturas, que inviabiliza a ideia de pureza ou homogeneidade.

Usado pela primeira vez na biologia, para denotar um animal ou planta produzidos através da mistura de duas espécies, o termo foi aplicado a seres humanos na metade do século XIX, referindo-se ao cruzamento entre pessoas de raças diferentes, em um debate sobre a questão da origem das diferentes raças, e se elas constituiriam ou não espécies diferentes. Qual seria, então, a pertinência do conceito para os estudos culturais? Essa questão levou o antropólogo Brian Stross (1999) a uma reflexão sobre as semelhanças entre os conceitos de hibridismo biológico e cultural. Stross sugere que, embora o hibridismo biológico e o cultural sejam análogos apenas em parte, é possível adotar em ambos os casos o critério de heterogeneidade para definir a natureza do híbrido. Relacionada à heterogeneidade se encontra a ideia de heterose, ou vigor híbrido. Trata-se de uma capacidade aumentada de crescimento observada em animais e plantas híbridos, como no caso de espécies de milho, de grande produtividade em certas regiões dos Estados Unidos. Segundo Stross, o mesmo fenômeno pode ser observado em discursos e formas culturais consideradas híbridas. O autor conclui que o híbrido desenvolve características especiais para atender às necessidades do ambiente, ou para aproveitar oportunidades criadas em novas situações, fenômeno especialmente observável no âmbito cultural. A introdução de formas híbridas num determinado ambiente, por sua vez, altera-lhe as características, dotando-o de novos parâmetros e necessidades. O exemplo dado por Stross é o do ambiente das salas de bate-papo na Internet, caracterizado por uma linguagem resultante do cruzamento de formas de comunicação escrita e oral. Essa linguagem está em constante transformação ou adaptação por parte de seus usuários, que a modificam para atender a suas necessidades comunicativas. Segundo Stross,

Os híbridos culturais são geralmente criados com características que lhes permitem responder da melhor forma possível a necessidades ambientais, e são revisados e recriados conforme essas necessidades, até satisfazerem as percepções culturais de seus criadores, sejam essas necessidades econômicas ou ideológicas. A hibridização cultural implica uma resposta fértil e criativa a pressões e

oportunidades ambientais, e pode-se até afirmar que a hibridização em si produz novos contextos férteis e criativos em que novas coisas podem surgir, pelo menos através da modificação do ambiente¹ (STROSS,1999, p. 263)

As formas híbridas possuem características mais apropriadas para desempenhar as funções econômicas ou ideológicas que lhes são atribuídas pelo usuário do que seus progenitores; do contrário, não teriam sido geradas em primeiro lugar. No caso da linguagem virtual das salas de bate-papo na Internet, se as formas convencionais da linguagem escrita ou oral fossem adequadas à comunicação virtual, não haveria necessidade de sinais gráficos como os utilizados pelos internautas, que aproveitam o potencial de revisão dessas formas híbridas quando necessário. De acordo com Stross, esse é um exemplo que atesta a efervescência criativa do híbrido cultural, sendo possível reconhecer nele o vigor híbrido que caracteriza o híbrido biológico.

Ao constatar a existência de semelhanças entre formas híbridas biológicas e culturais, Stross conclui ser perfeitamente justificada a adoção do termo hibridismo nos estudos da cultura. Consequentemente, termos como homogeneidade, heterogeneidade, ancestralidade e vigor híbrido podem ser transferidos da biologia para os estudos da cultura de forma não problemática. Isso se deve em grande parte, segundo o antropólogo, ao fato de que o biológico é sempre construído socialmente, bem como o conceito de hibridismo – seja ele biológico ou cultural – ideologicamente comprometido. Desse modo, as reflexões de Stross permitem compreender como determinadas noções pertinentes ao estudo do hibridismo biológico podem ser úteis no estudo do híbrido cultural, sem entronizar as ciências biológicas ou atribuir-lhes um status superior ao da investigação de fenômenos culturais. Conforme bem observa Stross, categorias como “puro” e “híbrido”

¹ No original: Cultural hybrids are usually fashioned with characteristics intended to allow them to respond optimally to environmental needs, and they are revised and refashioned as these needs dictate until they satisfy the cultural perceptions of the developers, whether these perceptions be economic or ideological. Cultural hybridization implies a fertile and creative response to environmental pressures and opportunities, and one could go further and say that the hybridization itself engenders new fertile and creative contexts in which new things can come into being, at least by virtue of modifying the environment.

são construtos sociais, isentos de objetividade ou neutralidade absolutas por parte do cientista. Outra constatação importante de Stross diz respeito à impossibilidade de espécies ou formações culturais totalmente puras ou homogêneas – sendo a própria noção de “pureza” uma construção. Igualmente problemática é a determinação de um grau de hibridismo de determinadas espécies, variedades ou raças, pois essa determinação varia de acordo com diferentes situações. O exemplo dado pelo autor é o de um descendente de italianos e alemães, por alguns considerado híbrido, mas não por outros, ou de um descendente de europeus e de índios americanos, não havendo consenso sobre sua condição de híbrido. De modo semelhante, a fusão entre estilos musicais como jazz e funk pode não ser considerada um estilo híbrido hoje em dia, como já o foi, por exemplo. Assim, tanto o “puro” quanto o “híbrido” resultam de um processo social de classificação, jamais constituindo atributos inerentes a uma espécie ou artefato cultural.

Conclusão semelhante é tirada por Young (1995), em seu estudo sobre raça, cultura e hibridismo. Para o autor, a ideia de raça sempre foi culturalmente determinada, desprovida de objetividade científica e, portanto, vinculada à ideologia de um grupo e de uma época. Baseando-se no pensamento do antropólogo Lévi-Strauss, Young sugere que “afirmações sobre raça são afirmações sobre cultura, e vice-versa”² (YOUNG, 1995, p. 91). No século XIX, para justificar a escravização dos negros, a ciência ajudou a forjar o mito da civilização, do refinamento e da pureza da raça branca, que surgiu como reação ao medo da degeneração que a mistura com a raça negra desencadearia. Para o autor, a ideia de raça não pode ser dissociada dos julgamentos de valor arbitrários que, durante séculos, justificaram práticas discriminatórias e atribuíram uma série de estereótipos a determinados grupos raciais. Por exemplo, a ideia de masculinidade associada ao branco, em detrimento dos negros e asiáticos, tidos como feminizados. Daí a necessidade, apontada por Young, de sempre levar em consideração o contexto socio-histórico em que esses julgamentos de valor são emitidos, de modo que se possa refletir criticamente sobre os

² No original: Statements about race are statements about culture, and vice-versa.

interesses favorecidos por eles. Como apontado por Young, a partir do momento em que o conceito de raça tornou-se o principal critério utilizado na classificação de um povo, o hibridismo se transformou numa questão crucial nas teorias raciais, sobretudo por causa dessa ameaça de degeneração.

O conceito de hibridismo, contudo, é elusivo e não consensual, de acordo com Young:

Não há um conceito único, ou correto, de hibridismo: ele muda à medida que se repete, mas também se repete à medida que muda. Mostra que ainda estamos presos a partes da rede ideológica de uma cultura que pensamos e presumimos termos superado...O hibridismo é em si um exemplo do hibridismo, de uma duplicidade que ao mesmo tempo aproxima, funde, mas também mantém separação³ (YOUNG, 2001, p. 27).

Além de não se encaixar em uma única definição, o conceito de hibridismo, de acordo com Young, já se revela híbrido e ambíguo por natureza, estando sua compreensão além da estreiteza do pensamento dialético do século XIX, caracterizado por ou.../ou... Em contraste, no século XX consolida-se uma tendência ao pensamento dialógico, marcado pela simultaneidade – e.../e... – ou a coexistência da diferença e da semelhança. Para Young, o termo *brisure*, utilizado por Derrida para expressar ruptura e fusão ao mesmo tempo, é semelhante à lógica de simultaneidade que caracteriza o pensamento dialógico característico do hibridismo. Em outras palavras, ao contrário da lógica dialética baseada numa clara oposição entre tese e antítese, resultando numa possível síntese de diferenças, o hibridismo implica numa justaposição ou coexistência de contrários, que nunca chegam a se fundir harmoniosamente num terceiro elemento. Entre os pensadores do século XX que desafiaram a validade do pensamento dialético, Bakhtin certamente se

³ No original: There is no single, or correct, concept of hybridity: it changes as it repeats, but it also repeats as it changes. It shows that we are still locked into parts of the ideological network of a culture that we think and presume that we have surpassed... Hybridity is itself an example of hybridity, of a doubleness that both brings together, fuses, but also maintains separation.

destaca, tendo sido o pioneiro na utilização do conceito de hibridismo para problematizar questões de língua, cultura e literatura.

O hibridismo segundo Bakhtin

Foi em *Discourse in the Novel* (1981) que o pensador russo concluiu que qualquer enunciado – desde uma simples resposta a uma pergunta numa situação de interação verbal, até uma obra literária – é híbrido, pois já contém ou pressupõe a existência de uma série de outras palavras que pertencem a outrem, resultando numa interação e até em conflito entre as palavras do autor e as de outrem:

Poderíamos dizer, com base em nosso argumento até agora, que na composição de quase todo enunciado dito por uma pessoa social - desde uma breve resposta em um diálogo casual até grandes obras ideológicas verbais (literárias, acadêmicas e outras) - um número significativo de palavras podem ser identificadas que são implícita ou explicitamente admitidas como as de um outro alguém, e que são transmitidas através de uma variedade de meios diferentes. Dentro da arena de quase todo enunciado, uma interação e uma luta intensas entre a palavra de um e de outro estão sendo travadas, um processo em que elas se opõem ou dialogicamente interanimam⁴ (BAKHTIN, 1981, p. 354).

Em situações de comunicação verbal do dia-a-dia, muitas vezes não nos damos conta da importância da palavra do outro para a constituição do sentido de nossos enunciados, os quais, segundo Bakhtin, são muito mais do que a simples manifestação unívoca de nossas intenções comunicativas. Essas intenções tomam forma na consciência do falante apoiando-se num sistema ideológico, levando o pensador russo a concluir que o pensamento, “desde a origem, pertence ao sistema ideológico e é subordinado a suas leis” (BAKHTIN 1992a, p. 59). Em outras palavras, quaisquer atividades psíquicas do falante

⁴ No original: It might be said, on the basis of our argument so far, that in the makeup of almost every utterance spoken by a social person – from a brief response in a casual dialogue to major verbal ideological works (literary, scholarly and others) – a significant number of words can be identified that are implicitly or explicitly admitted as someone else’s, and that are transmitted by a variety of different means. Within the arena of almost every utterance an intense interaction and struggle between one’s own and another’s word is being waged, a process in which they oppose or dialogically interanimate each other.

têm uma orientação social, determinada pela situação social imediata em que ocorre a interlocução. À guisa de exemplo, o pensador menciona uma situação descrita por Dostoiévski em *Diário de um Escritor*. Nela, um grupo de seis operários embriagados estabelece interações verbais usando um único substantivo (aparentemente amplamente usado, porém censurado por ser de baixo calão). Um deles o usa para contestar uma afirmação feita por outro anteriormente, provocando a reação de um terceiro, que reage bruscamente com uma expressão de desaprovação ao primeiro usando a mesma palavra, levando os outros operários a esboçarem diferentes reações, com a utilização da mesma e única palavra. Essa palavra, na interpretação de Bakhtin (1992a), constitui apenas um suporte para as apreciações valorativas dos interlocutores, inteiramente determinadas pelo contexto social imediato em que se desenrola a conversa. Essa palavra, como qualquer outra, se encontra imbuída de sentidos que preexistem à sua utilização por um falante da língua, dotada, portanto, dos acentos valorativos e ideológicos de outros falantes. Em uma passagem especialmente significativa, Bakhtin argumenta que

Tudo que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.) e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo...Assim como o corpo se forma originalmente dentro do seio (do corpo) materno, a consciência do homem desperta envolta na consciência do outro. É mais tarde que o indivíduo começa a reduzir seu “eu” a palavras e a categorias neutras, a definir-se enquanto homem, independentemente da relação do “eu” com o “outro” (BAKHTIN, 1992b, p. 378).

Para Bakhtin, nosso pensamento, desde sua origem, já possui uma realidade social, na medida em que se estrutura conforme os parâmetros ou referências estabelecidas por um grupo social específico. Além de eliminar a distinção qualitativa entre um conteúdo psíquico e sua expressão linguística, o pensador russo sugere que a atividade mental é organizada pela expressão através da enunciação verbal, cuja situação social imediata modela ou estrutura seu conteúdo. Por isso, o russo conclui que a palavra é uma função de

nosso interlocutor, variando conforme sua posição na hierarquia social, grau de proximidade, gênero, etc., sem falar no “horizonte social” mais amplo que orienta a criação ideológica do grupo e da época a que pertencemos. Conforme argumenta o pensador,

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo tem um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc... Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande... Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. *A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.* Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1992a, p. 112).

Vivemos, de acordo com o autor, no universo das palavras do outro. O outro é, de certa maneira, coautor de nossos enunciados, pois eles só existem em função de outros enunciados, como se, ao enunciarmos, estivéssemos respondendo a uma pergunta. Segundo Bakhtin, nossos enunciados dirigem-se necessariamente a um outro com quem dialogamos, e o que dizemos já leva em conta sua participação na situação e no momento de enunciação. Em outras palavras, ao formularmos nossos enunciados, sempre levamos em consideração as possíveis reações ou respostas de nossos interlocutores – aqueles para quem nossos pensamentos se tornam “reais” e que, portanto, não são apenas ouvintes passivos, mas têm participação ativa no processo de enunciação. Assim, nossa fala está repleta de ecos e lembranças das palavras do outro, às quais está vinculada no processo de comunicação verbal. É nesse sentido que nosso enunciado deve ser considerado como uma resposta a enunciados anteriores, visto que não somos os primeiros a romper a barreira do silêncio, mas dependemos da existência do sistema linguístico que usamos, e do conhecimento de enunciados anteriores ao nosso. Portanto, não é possível determinar a posição que o enunciado ocupa na cadeia significativa sem levar em consideração as outras posições. O próprio ato da compreensão já constitui, para o pensador russo, um momento dialógico, pois trata-se de “um encontro de duas consciências”:

O que é uma hibridização? É uma mistura de duas línguas sociais nos limites de um único enunciado, um encontro, dentro da arena de um enunciado, entre duas consciências linguísticas diferentes, separadas uma da outra por uma época, por diferenciação social ou algum outro fator⁵ (BAKHTIN, 1981, p. 358).

É bom lembrar que, para o pensador russo, uma língua equivale a um sistema de valores ou crenças articuladas no uso concreto por parte dos falantes, e não algo idealizado como um sistema abstrato ou idealizado, estando, portanto, menos próximo de *langue* do que *parole*. Enquanto algo vivo, em uso e transformação constantes, a língua não se presta a uma única descrição rígida, por causa de sua abertura ao aparecimento de variantes individuais ou dialetais, sendo a heteroglossia sua condição natural. Qualquer que seja a perspectiva adotada – sincrônica ou diacrônica – a multiplicidade é a marca registrada de uma língua. Numa perspectiva sincrônica, a língua se caracteriza por uma diversidade de dialetos sociais, regionais e até individuais, convivendo simultaneamente num mesmo momento histórico. Diacronicamente, apresenta traços de registros anteriores, ou formas linguísticas consideradas ultrapassadas, ao mesmo tempo em que se mantém receptiva a novidades lexicais ou sintáticas, por exemplo. Essa diversidade é a força motriz da língua, responsável por sua constante mudança, e equivale àquilo que Bakhtin chama de *hibridismo orgânico, não intencional*:

A hibridização não-intencional, inconsciente, é um dos mais importantes modos na vida histórica e na evolução de todas as línguas. Podemos até mesmo dizer que a linguagem e as línguas mudam historicamente principalmente por meio da hibridização, através de uma mistura de várias “línguas” coexistindo dentro dos limites de um único dialeto, uma única língua nacional, um único ramo, um único grupo de ramos diferentes ou diferentes grupos de

⁵ No original: What is a hybridization? It is a mixture of two social languages within the limits of a single utterance, an encounter, within the arena of an utterance, between two different linguistic consciousnesses, separated from one another by an epoch, by social differentiation or by some other factor.

ramos, no passado histórico assim como paleontológico das línguas⁶ (BAKHTIN, 1981, p. 358).

É no enunciado, segundo o autor, que podemos observar o encontro entre “línguas” diferentes que produz o movimento de hibridização orgânica. Mas esse encontro resulta numa mistura de visões de mundo “muda e opaca”, conforme o autor. Ainda que o híbrido orgânico tenha o potencial de gerar novas visões de mundo, nunca recorre a contrastes e oposições deliberadas, tendendo, portanto, à fusão ou combinação de línguas sociais diferentes. Em contrapartida, o *híbrido intencional* ou *consciente* faz uso desses contrastes e oposições como um recurso artístico na construção do romance; é como se duas consciências linguísticas individuais se encontrassem no mesmo enunciado e procurassem reforçar suas diferenças através da representação artística de uma delas pela outra:

Um híbrido intencional e consciente não é uma mistura de duas consciências linguísticas impessoais (os correlatos de duas línguas), mas sim uma mistura de duas consciências linguísticas individualizadas (os correlatos de dois enunciados específicos, não meramente duas línguas) e também duas intenções linguísticas individuais: a consciência autoral representante individual e sua vontade, por um lado, e a consciência linguística individualizada e a vontade do personagem representado, por outro... Assim, há sempre duas consciências, duas intenções linguísticas, duas vozes e conseqüentemente dois sotaques participando de um híbrido artístico consciente e intencional⁷ (BAKHTIN, 1981, p. 359).

⁶ No original: But unintentional, unconscious hybridization is one of the most important modes in the historical life and evolution of all languages. We may even say that language and languages change historically primarily by means of hybridization, by means of a mixing of various “languages” co-existing within the boundaries of a single dialect, a single national language, a single branch, a single group of different branches or different groups of such branches, in the historical as well as paleontological past of languages.

⁷ No original: An intentional and conscious hybrid is not a mixture of two impersonal language consciousnesses (the correlates of two languages) but rather a mixture of two individualized language consciousnesses (the correlates of two specific utterances, not merely two languages) and two individual language intentions as well: the individual, representing authorial consciousness and will, on the one hand, and the individualized linguistic consciousness and will of the character represented, on the other... Thus there are always two consciousnesses, two language-intentions, two voices and consequently two accents participating in an intentional and conscious artistic hybrid.

De acordo com Bakhtin, nesse tipo de híbrido não pode haver fusão, pois a consciência linguística representada traz consigo suas próprias intenções, fazendo-se ouvir dentro do enunciado da consciência linguística que a representa no romance. A consciência representada recusa-se a ser assimilada pela consciência que a representa, imprimindo suas próprias intenções ao enunciado, entendido como o território onde acontece esse embate entre dois pontos de vista diferentes e até opostos. É oportuno lembrar da metáfora de arena usada pelo próprio Bakhtin para descrever o processo de intenso conflito que se estabelece entre a palavra de um e a de outro nos limites do mesmo enunciado. O que o romancista faz é trazer para o romance duas consciências linguísticas distintas de forma que uma possa “iluminar” a outra, criando-lhe uma imagem artística. Assim, ao contrário do hibridismo orgânico, em que duas línguas ou duas consciências sociolinguísticas se fundem de forma indistinta e inconsciente, o hibridismo intencional, romanesco constitui uma manobra ou recurso estilístico, “um sistema artisticamente organizado para trazer línguas diferentes em contato uma com a outra”⁸ (1981, p. 361). O romancista deliberadamente opõe dois pontos de vista linguísticos em relação dialógica, repleta de confrontos que nunca se resolvem totalmente. Essa oposição pode se dar numa única frase ou parágrafo do romance, produzindo efeitos de ironia, paródia ou polissemia, gerando um efeito de descontinuidade entre o significado e a intenção do autor.

Hibridismo, tradução cultural e Terceiro Espaço

Essa noção de híbrido intencional, segundo Young (2001), teria inspirado Homi Bhabha a formular sua própria noção de hibridismo dentro de uma teoria pós-colonial. Para Young (1995), Bakhtin já reconhecia o efeito desestabilizador do hibridismo intencional como uma estratégia política para contestar a hegemonia do discurso autoritário, que se reveste de uma aparente univocidade, contrária portanto ao hibridismo. Conforme a

⁸ No original: an artistically organized system for bringing different languages in contact with one another

leitura de Bakhtin feita por Young, o hibridismo intencional se instaura no momento em que o romancista traz para o romance esse discurso autoritário, questionando-lhe a autoridade e revelando-lhe o caráter bivocal, levando uma das vozes a desmascarar a outra. O que Bhabha fez, de acordo com Young, foi antever o potencial subversivo do hibridismo intencional para os estudos pós-coloniais, sobretudo por sua capacidade de minar a autoridade do discurso colonial ao mostrá-lo contaminado pelo traço do discurso do outro:

Para Bhabha, o hibridismo se torna o momento em que o discurso da autoridade colonial perde seu controle univocal sobre o significado e se encontra aberto ao traço da língua do outro, capacitando o crítico a traçar movimentos complexos de alteridade desarmadora no texto colonial. Bhabha define hibridismo como ‘uma problemática de representação colonial...que reverte os efeitos da desconsideração colonialista, de modo que outros conhecimentos “negados” entrem no discurso dominante e minem a base de sua autoridade’ (YOUNG, 1995, p. 22).

Assim, uma leitura reveladora do hibridismo do discurso colonial permite questionar-lhe a autoridade ao revelar a existência, em seu interior, de vozes representantes dos conhecimentos locais, produzidos pelo colonizado. O colonizado é o outro do discurso do colonizador, que tenta a todo custo ocultar essa alteridade constitutiva de seu discurso para fazê-lo passar-se por monológico ou homogêneo – uma falácia que Bhabha procura desmascarar como parte de uma estratégia de resistência ao colonizador. Essa manobra, segundo Bhabha, se insere numa “problemática de representação colonial”, e foi diretamente inspirada no hibridismo intencional de Bakhtin, como assevera Young. Ao relacionar o conceito de hibridismo cultural de Bhabha com o de Bakhtin, Young chega a uma noção de hibridismo como um modelo teórico capaz de dar conta da hete-

⁹ No original: For Bhabha, hybridity becomes the moment in which the discourse of colonial authority loses its univocal grip on meaning and finds itself open to the trace of the language of the other, enabling the critic to trace complex movements of disarming alterity in the colonial text. Bhabha defines hybridity as ‘a problematic of colonial representation...that reverses the effects of the colonialist disavowal, so that other “denied” knowledges enter upon the dominant discourse and estrange the basis of its authority.

rogeneidade que caracteriza qualquer língua ou cultura, e ao mesmo tempo de embasar um movimento contestatório da autoridade do discurso colonial, encabeçado pelas culturas e línguas minoritárias que esse discurso procurou ocultar ou suprimir.

Menezes de Souza (2004) identifica, no pensamento de Bhabha, uma visão sócio-discursiva da linguagem, segundo a qual seus usuários, longe de serem abstratos e idealizados, estão sempre situados num contexto social e histórico. Para Menezes de Souza, trata-se de uma *semiologia pós-colonial*, em que a noção de signo difere significativamente do signo imaginado por Saussure, para quem haveria uma relação direta ou não-mediada entre um significante e um significado, como os dois lados de uma mesma moeda. Em vez disso, a semiologia pós-colonial de Bhabha se apoia em num contexto de produção específico, cujo sentido sempre resulta de um trabalho de interpretação por parte de um interlocutor socialmente situado, cabendo a ele estabelecer a relação entre o significante e o significado. Conseqüentemente, cria-se a possibilidade de uma variação de interpretações, uma vez que o falante e o intérprete se encontram em contextos sociais, históricos e ideológicos determinados, os quais variam necessariamente de um falante para outro. Esse contexto de produção e de interpretação é, para Bhabha, *o espaço fora da frase*: o espaço entre o enunciado produzido pelo interlocutor e a enunciação, ou o contexto em que se encontra. Bhabha também se refere a esse espaço como um *Terceiro Espaço*:

um espaço que é cético da totalização cultural, de noções de identidade que dependem, para sua autoridade, de serem originárias, ou conceitos de cultura que dependem, para seu valor, de serem puros, ou de uma tradição que depende, para sua efetividade, de ser contínua¹⁰ (1995, s/n).

Quando se tem em mente esse espaço fora da frase, ou Terceiro Espaço, leva-se em consideração as condições de produção do enunciado no momento da enunciação, e

¹⁰ No original: a space that is sceptical of cultural totalization, of notions of identity which depend for their authority on being 'originary', or concepts of culture which depend for their value on being pure, or of a tradition which depends for its effectivity, on being continuous.

torna-se possível questionar a suposta universalidade dos discursos hegemônicos, que tentam substantivar o mundo, atribuindo-lhe significados pretensamente definitivos e universalmente válidos. Nesse Terceiro Espaço, “significados e símbolos da cultura não têm uma unidade primordial ou fixidez”, podendo ser “apropriados, traduzidos, rehistoricizados e lidos de uma forma nova ou diferente” (BHABHA, op. cit.), dependendo de nosso lócus de enunciação, ou o contexto social, histórico e ideológico do interlocutor – quem é esse interlocutor, e de onde ele enuncia ? De qual perspectiva ? Representando quais interesses ? Essas são questões que devem ser consideradas na análise do sentido de um enunciado. Assim, a semiótica pós-colonial de Bhabha permite revelar os processos através dos quais esses significados ganharam prestígio e se consolidaram, e assim expor o hibridismo na base de sua constituição. Para Bhabha,

A hibridização não é algo que apenas existe por aí, não é algo a ser encontrado em um objeto ou em alguma identidade mítica “híbrida” – trata-se de um modo de conhecimento, um processo para entender ou perceber o movimento de trânsito ou de transição ambíguo e tenso que necessariamente acompanha qualquer tipo de transformação social sem a promessa de clausura celebratória, sem a transcendência das condições complexas e conflitantes que acompanham o ato de tradução cultural (BHABHA apud MENEZES DE SOUZA, 2004, p. 113).

Tido menos como propriedade de um objeto ou identidade do que como “modo de conhecimento” para analisar transformações sociais e culturais, o hibridismo nos lembra da impossibilidade de “clausura celebratória” e da necessidade constante de nos engajarmos em uma tradução cultural. A experiência da tradução cultural desfaz o mito da auto-suficiência ou impermeabilidade das culturas, permitindo questionar a suposta “naturalidade” de nossos valores e mostrando o quão insuficientes ou incompletos são nossos sistemas culturais. Em *The Location of Culture*, Bhabha (1994) assinala a necessidade de questionar a validade de cultura enquanto *símbolo* – construção aparentemente universal e desvinculada de qualquer contexto – e defende a ideia de cultura enquanto *signo* –

localizada dentro de um contexto específico, comprometida com um sistema ideológico. Trata-se de uma visão de cultura enquanto

uma produção desigual, incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato de sobrevivência social¹¹ (BHABHA, 1994, p. 172)

Nessa perspectiva, cultura é vista como uma arena de conflitos e disputas entre diferentes práticas e reivindicações, algumas das quais vindas de indivíduos ou grupos sociais desprestigiados que lutam por sua sobrevivência. Ao falar em produção incompleta de valores e significados, Bhabha sugere a idéia de cultura como um processo ininterrupto de significação e ressignificação através da circulação de experiências e valores diversos – o que faz com que todas as culturas sejam, em última instância, necessariamente híbridas. Nunca é demais lembrar que Bhabha não crê na possibilidade de uma síntese de dois elementos diferentes gerando um terceiro que resolveria as tensões entre os dois. No âmbito da relação colonial, o ex-colonizado passa a inserir seus próprios valores na cultura do ex-colonizador, revelando o hibridismo de ambas as culturas e ao mesmo tempo, segundo Menezes de Souza (2004), possibilitando o surgimento de

valores éticos e estéticos que não pertencem a nenhuma cultura específica; são valores que surgem a partir da experiência dessa “travessia” por entre os espaços culturais intersticiais – experiência essa que é exemplo da produtividade do hibridismo cultural e seus atos tradutórios” (p. 127).

A produtividade do hibridismo reside em sua incompletude, responsável por um processo agonístico, onde as diferenças características de quaisquer situações de contato intercultural não podem ser pacificamente resolvidas, mas permanentemente negociadas através da tradução cultural. Nesse sentido, como sugere Menezes de Souza (2004), a cul-

¹¹ No original: as an uneven, incomplete production of meaning and value, often composed of incommensurable demands and practices, produced in the act of social survival.

tura é um *verbo*, pois remete a uma dinâmica de conflitos entre diferentes lugares de enunciação, em movimento ou transformação permanente – “tornar-se” em vez de “ser”, “estando” em vez de “estado”. O caráter inconcluso desse processo de negociação é, a meu ver, o ponto forte do modo como Bhabha concebe o hibridismo. Como veremos na próxima seção, um ensino de língua inglesa em uma perspectiva de letramento crítico pode sensibilizar professores e alunos para o hibridismo constitutivo de línguas, culturas e identidades.

Hibridismo e letramento crítico

Nos estudos sobre letramento, realizados principalmente a partir da década de 80, a preocupação com o aspecto social da escrita se deve, sem dúvida, à influência do trabalho de Paulo Freire. Para Freire, “só somos porque estamos sendo” (2013, p. 34), e é a consciência do inacabamento e da dinamicidade do mundo que nos faz seres éticos, preparados para nos reconhecermos, sobretudo, como sujeitos da história. Enquanto tal, só nos tornamos capazes de intervir nas condições materiais de nossa existência se nos assumirmos como sujeitos éticos, para quem “a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude. Não podemos aceitá-la” (p. 19). Por isso, enquanto educadores, não podemos nos furtar a preparar sujeitos críticos, epistemologicamente curiosos e conscientes de seu papel na construção do conhecimento, capazes de indagar: “Em favor *de que* estudo? Em favor *de quem*? *Contra que* estudo? *Contra quem* estudo?” (p. 75). Em suma, trata-se, para Freire, de conscientizar e preparar sujeitos para viver a história “como tempo de possibilidade e não de determinação” (p. 73).

Influenciados pelo pensamento de Paulo Freire, os estudiosos de letramento passaram a atentar à relação entre os textos e os contextos onde eles são produzidos e interpretados. Levando em conta os diferentes contextos de produção e recepção de textos, esses estudiosos acreditavam que a introdução da escrita teve efeitos ou impactos distintos em diferentes comunidades e países, cada qual fazendo uso da escrita conforme suas necessidades locais. Assim, uma determinada comunidade pode atribuir grande im-

portância ao conhecimento e ao uso da escrita, enquanto outra pode valorizar igualmente ou até mais a comunicação através de imagens ou de sons. Dadas as múltiplas possibilidades e recursos de produção de sentido – gestual, espacial, digital, entre outros – alguns desses teóricos passaram a pluralizar o termo, falando em “letramentos”. O uso do termo no plural implica o reconhecimento da multimodalidade da linguagem, e também a ênfase em seu aspecto social, ou seja, permite destacar as relações de implicação entre textos – escritos, visuais, sonoros, etc.– e os contextos em que são produzidos e interpretados¹². Por conseguinte, cai por terra a noção de que “os significados estão no texto” – pois nesta perspectiva, ler já é interpretar, sempre –, e valoriza-se o papel ativo do leitor na atribuição de sentidos ao que lê, influenciado por sua visão de mundo, valores e ideologias da comunidade à qual pertence. Essa perspectiva de estudos sobre letramentos se caracteriza, portanto, pelo questionamento de como os sentidos são construídos; como e porque interpretamos dessa forma e não de outra? Outras interpretações são possíveis, feitas por leitores situados em outros contextos e com pontos de vista diferentes do nosso? Essas questões embasam uma abordagem para o estudo de textos conhecida como letramento crítico. Para Monte Mór (2015),

O letramento crítico parte da premissa de que a linguagem tem natureza política, em função das relações de poder nela presentes. Em vista disso, compreende-se que todo discurso – em acepção ampla, independente da modalidade e contexto em que se apresenta – é permeado por ideologias. Sendo assim, a proposta inicia-se por rever o trabalho de leitura desenvolvido nas escolas e evolui para se disseminar como um projeto educacional (p. 42).

Um projeto educacional calcado no letramento crítico se caracteriza, portanto, pela ênfase dada à ideia de construção social dos sentidos, segundo a qual os interlocutores atribuem sentidos aos textos conforme suas visões de mundo, e que as interpretações

¹² A importância da multimodalidade também é apontada por Morgan e Ramanathan (2015), não apenas no sentido de trazer uma variedade de textos para a sala de aula, mas também pelo fato de que “cada tipo de texto vai engajar identidades e a imaginação de formas provocativas, não possibilitadas através de outros recursos textuais”(no original: “Each text type will engage identities and the imagination in provocative ways unmet through other textual resources”) (MORGAN; RAMANATHAN, 2015, p. 199).

– até mesmo as tidas como “canônicas” – podem ser desconstruídas e reconstruídas. Monte Mór (2015) afirma que os estudiosos de letramento crítico têm

A compreensão da impossibilidade de visões únicas, uma vez que representam perspectivas das pessoas com as quais se aprende a ler e a comunicar: pais, professores, mídia e outros. Têm uma posição favorável à diversidade de visões por entenderem que essa se revela benéfica à apreensão e expansão da visão de mundo (p. 42).

Em uma sala de aula onde o trabalho com textos é realizado em uma perspectiva de letramento crítico, professores e alunos constataam a multiplicidade de leituras e interpretações possíveis, e aprendem a desenvolver o respeito a pontos de vista divergentes, oriundos de contextos sociais e culturais diferentes dos seus. Eis aí um primeiro motivo porque o ensino de língua inglesa em uma perspectiva de letramento crítico pode sensibilizar alunos e professores para o hibridismo orgânico ou não-intencional característico das línguas, segundo Bakhtin. Ao levar em conta a multiplicidade de visões de mundo contempladas durante a leitura de um texto, podemos atentar para a diversidade de dialetos sociais, regionais e individuais que coexistem num mesmo momento histórico. Monte Mór sugere, ainda, que a percepção da existência da multiplicidade de dialetos e interpretações é benéfica, no sentido de ampliar a visão de mundo e alunos e professores.

A autora atribui a impossibilidade de interpretações únicas ao fato de representarem pontos de vista daqueles com quem aprendemos a nos comunicarmos. Nesse sentido, a autora reconhece o papel da alteridade na constituição de nossas vozes, identidades e interpretações – algo que, como já vimos, remete à noção de dialogismo de Bakhtin. Segundo o pensador russo, “a busca da palavra pessoal é, na verdade, uma busca da palavra não pessoal, da palavra maior que a própria pessoa” (BAKHTIN, 1992b, p. 312). Em outras palavras, a alteridade na constituição da identidade é também a alteridade característica da linguagem, uma vez que nossos enunciados estão inseridos numa cadeia de significação da qual fazem parte os enunciados de outros, que contribuem com sua própria expressividade ou tom valorativo, que assimilamos e modificamos. Isto equivale a dizer

que um único enunciado pode se revelar híbrido na medida em que contem traços de outros enunciados com quem dialoga.

Uma reflexão sobre a alteridade constitutiva de nossas identidades e enunciados faz parte de um projeto de ensino de línguas em uma perspectiva de letramento crítico, conforme Menezes de Souza (2011). Para o autor, é preciso levar o aluno a refletir sobre suas próprias crenças, valores, convicções e maneiras de ler o mundo, e perceber que, longe de serem “naturais”, esses valores e crenças se originam na comunidade onde vivemos, nas famílias e nos grupos sociais por onde circulamos:

Aqui, no letramento crítico, precisamos assumir a responsabilidade das nossas leituras e não culpar o autor do texto pela sua escritura; precisamos perceber que o significado de um texto é uma interação entre a escrita e a leitura. Nós estamos nos conscientizando sobre como nós interpretamos o texto. ... Enfocar aquilo que o aluno acha que é “natural” fazer, levar o aluno a repensar o que é natural para ele e refletir sobre isso. Perceber como aquilo que é natural para ele pode conter preconceitos que podem afetar o outro, gerar preconceito contra pessoas diferentes. E portanto levar o aluno, o aprendiz, a reformular seu saber ingênuo. Então letramento crítico é ir além do senso comum, fazer o aluno refletir sobre aquilo que ele pensa que é natural e verdadeiro. Levar o aluno a refletir sobre a história, sobre o contexto de seus saberes, seu senso comum. Levar o aluno a perceber que para alguém que vive em outro contexto a verdade pode ser diferente (p. 295).

Menezes de Souza dá a entender que o ensino de inglês através do letramento crítico permite explorar o hibridismo de línguas e culturas em dois aspectos: primeiro, ao sugerir que o letramento crítico pode levar o aluno a questionar a aparente naturalidade de suas opiniões, e reconhecer-lhes a origem em um contexto de saberes específico. Como mencionado anteriormente, para Bakhtin, nosso pensamento possui, desde sua origem, uma realidade social, pois se estrutura conforme os parâmetros construídos pelo grupo social a que pertencemos, e se organiza em função de nossos interlocutores em uma situação de enunciação específica. Nessa perspectiva, o letramento crítico pode nos conscientizar do “horizonte social” que Bakhtin julgava influenciar a ideologia da comunidade e da época a que pertencemos. Através desse processo de conscientização em sala

de aula, é possível “fazer o aluno ir além da aparência de verdade, de originalidade e de individualidade de seus saberes e opiniões” (MENEZES DE SOUZA, 2011, p. 293), de modo que ele assuma a responsabilidade por aquilo que diz e interpreta, reconheça a possibilidade de interpretações distintas da sua, e saiba que suas interpretações podem ser ofensivas para alguém situado em outro contexto. Dessa forma, o aluno pode aprender a lidar com o hibridismo que constitui não apenas as comunidades de que faz parte - profissional, religiosa, política, entre outras - mas também sua própria identidade, atravessada por diferentes eixos de classe social, gênero, raça, religião, etc.

O segundo aspecto pelo qual o ensino de inglês através do letramento crítico, segundo Menezes de Souza, nos permite explorar o hibridismo de línguas e culturas, está intimamente relacionado ao primeiro e diz respeito à noção de Terceiro Espaço como formulada por Bhabha, à qual já aludimos acima. Trata-se, como vimos, do espaço entre o enunciado produzido pelo interlocutor, e sua interpretação por outro interlocutor, ou o espaço onde se dá “a inter-relação entre a escrita e a leitura”, mencionada por Menezes de Souza, e onde emerge o significado de um texto, tido como um produto da relação entre autor e leitor. Conforme postulado por Bhabha, é um espaço onde pode-se questionar as noções essencialistas de identidades e culturas, e cria-se a possibilidade de interpretações variadas, oriundas de contextos sociais, históricos e ideológicos específicos, que variam de um falante para outro. Em suma, é nesse Terceiro Espaço onde somos levados a considerar as condições de produção do enunciado no momento da enunciação, e desconstruir as interpretações ou significados supostamente universais dos discursos hegemônicos. É nesse espaço, problematizado em uma relação de alunos e professores com textos na perspectiva de letramento crítico, que o hibridismo ganha sua força e razão de ser.

Se a linguagem é híbrida por natureza, dada sua alteridade constitutiva, cada enunciado está povoado de ecos de outros enunciados, com quem se mantém em diálogo ininterrupto. Consequentemente, o conflito é inevitável; não foi à toa que Bakhtin falou em uma *arena* de quase todo enunciado, em que a palavra de um e de outro se degladiam. De modo semelhante, Menezes de Souza descreve a significação como um processo

“agonístico e antagonístico” (2014), prevendo a existência de múltiplos interesses e expectativas em sala de aula. Para Menezes de Souza, entretanto, através do letramento crítico professores e alunos podem aprender a conviver com o conflito. É nesse sentido que o autor vê o letramento crítico como uma pedagogia do dissenso¹³. Segundo o autor, no encontro com a diferença de valores, opiniões e línguas, a compreensão, apesar de necessária,

frequentemente ocorrerá sem a informação completa, consenso ou a devida reflexão sobre os princípios ou motivações envolvidas. Ação sem auto-certeza implica que devemos sempre nos manter abertos à retomada de nosso compromisso com um dado curso de ação¹⁴ (HOY apud MENEZES DE SOUZA, 2010)

Para o autor, o letramento crítico como pedagogia do dissenso pode promover maior compreensão no encontro com a diferença ao lembrar professores e alunos do hibridismo constitutivo de línguas, culturas e identidades. A convivência com opiniões divergentes no mundo em que vivemos depende de nossa capacidade em nos assumirmos como seres híbridos, constituídos por diferenças. Para isso, é preciso desfazer a ilusão do indivíduo livre e independente, através da conscientização de que a maneira como aprendeu a ver a si mesmo e os outros se originou na comunidade à qual pertence, que está longe de ser homogênea. A partir disso, pode-se desenvolver em alunos e professores a abertura para a compreensão da diferença. Somente assim, acredita Menezes de Souza, podem-se preparar sujeitos sociais críticos para articular e conviver com conflitos.

É possível identificar uma posição análoga à de Menezes de Souza e à de Monte Mór no trabalho de Edmundo (2013). Baseando-se em sua própria experiência docente na escola pública, a autora optou por planejar e implementar uma série de atividades de ensino de língua inglesa (LI), voltadas para seus alunos da 8ª. série do ensino fundamental

¹³ MENEZES DE SOUZA, L. M. T. *Letramento crítico como pedagogia de dissenso*. Palestra proferida na Universidade de São Paulo em fevereiro de 2010.

¹⁴ No original: Understanding will often occur without full information, consensus or sufficient reflection on the principles or motivations involved. Action without self-certainty implies that one must always remain open to taking back one's commitment to a given course of action.

em uma escola da rede pública do estado do Paraná. A elaboração das atividades de ensino, segundo a autora, se deu em uma proposta de letramento crítico (LC), que ela concebe nos seguintes termos:

O ensino de LI por LC propõe a problematização dos textos como forma de refletir sobre como os sentidos são construídos e de (re)conhecer e (re)elaborar as construções discursivas de si e dos outros no processo de leitura. Na perspectiva apresentada, o conceito de texto não se restringe à produção escrita apenas, mas a qualquer unidade que faça sentido para uma dada comunidade discursiva, podendo ser escrito, oral, imagético ou hipertexto. Consequentemente, a noção de leitura também se alarga e é entendida como um processo interpretativo e a língua, nesse segmento, é concebida como discurso. Desse modo, são condições fundamentais para a efetivação das práticas de LC nas aulas de LI (1) que o trabalho em sala de aula seja realizado a partir da leitura de textos que façam sentido para os alunos e que contemplem a diversidade textual; (2) que a língua seja concebida como discurso e (3) que a leitura seja entendida como construção de sentidos (EDMUNDO, 2013, p. 41).

Para a autora, uma proposta de ensino de inglês segundo o letramento crítico compreende uma reflexão sobre o processo de construção de sentidos, também apontada por Menezes de Souza e Monte Mór como uma das características principais do letramento crítico. Para esses autores, assim como para Edmundo, no trabalho com textos a interpretação ocorre como um processo contínuo, em aberto, por isso professores e alunos devem ser encorajados a analisar possíveis maneiras de ler um texto e atribuir novos sentidos de acordo com suas próprias experiências de vida. Subjaz, a essa proposta de letramento crítico, uma concepção de língua como discurso, e de professores e alunos como “sujeitos-no-discurso” (MORGAN; RAMANATHAN, 2015), capazes de refletir criticamente sobre as relações entre língua, ideologia e identidade, e sobre sua participação em discursos que acabam por legitimar ou se opor a situações de desigualdade e injustiça sociais. Tal reflexão pode lhes maximizar a capacidade de usar a língua em contextos em que é preciso se engajar na tradução cultural conforme idealizada por Bhabha - um pro-

cesso de negociação com a diferença do outro, promovendo o diálogo entre culturas¹⁵ e a elaboração de saberes e conhecimentos pautados no respeito a diferentes modos de vida e de racionalidade.

Em suma, ao encorajar os alunos a “(re)conhecer e (re)elaborar as construções discursivas de si e dos outros no processo de leitura”, e conscientizá-los da relação de suas leituras a perspectivas e experiências de mundo específicas, o letramento crítico os leva a aprender a lidar com as diferenças sociais e culturais que caracterizam o hibridismo do mundo contemporâneo.

Avaliando os efeitos de sua abordagem de ensino, Edmundo admite não ter havido um desenvolvimento significativo da competência linguística de seus alunos, principalmente no tocante à produção oral em língua inglesa. Além disso, a autora relata problemas decorrentes da burocracia escolar, ou da falta de participação dos alunos, quer por sua atitude passiva em aula, quer por sua resistência em se posicionar em relação aos temas discutidos em aula ou justificar seu posicionamento. Por outro lado, Edmundo sugere ter contribuído para “alargar a compreensão dos alunos acerca do conceito de língua, dos seus diversos usos e do papel que ela exerce socialmente”, e assim “ativar procedimentos interpretativos alternativos” (2013, p. 178). De acordo com Edmundo, sua proposta de ensino de LI por LC resultou em mudanças significativas, por parte de seus alunos, em sua maneira de compreender o mundo:

Mudanças essas que acredito terem ocorrido concomitantemente à compreensão da leitura da ‘palavra mundo’ (FREIRE & MACE-DO 1987), vista como espaço para percepção de diferentes perspectivas, tendo em vista que a realidade não pode ser concebida fora dos processos discursivos de significação e de relações de poder. (2013, p. 180).

¹⁵ Como vimos anteriormente, Bhabha pensa em culturas não como símbolos, mas enquanto *signos* - destacando-lhe, portanto, a arbitrariedade e convencionalidade, e recuperando a noção de contexto, somente dentro do qual o signo passa a fazer sentido para o usuário da língua, responsável pela ligação entre o significante e o significado. Na arbitrariedade do signo está a origem das convenções, um espaço de indeterminação e, portanto, de disputa e conflito pelo direito à significação.

Considerações finais

Em tempos de trocas interculturais intensas, o conceito de hibridismo ganhou destaque ainda maior nos estudos culturais e literários, conforme já mencionado por Raab e Butler, logo no início deste artigo. Outros pensadores, como Bakhtin e Bhabha, também dedicaram muitos de seus estudos ao tema que, como já apontamos, deve ser levado em consideração nas pesquisas sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Nesse âmbito, autores como Menezes de Souza, Monte Mór e Edmundo defendem o ensino de língua inglesa em uma perspectiva de letramento crítico o qual, a nosso ver, se mostra apto a dar conta do hibridismo constitutivo de línguas, identidades e de culturas, e investigar sua pertinência e suas consequências para a sala de aula de línguas. Rocha e Maciel (2015) adotam uma postura semelhante ao sugerir que, diante do hibridismo característico da sociedade pós-moderna contemporânea, em meio à pluralidade nem sempre harmoniosa de línguas, vozes e discursos, devemos adotar uma formação plurilíngue que deixe transparecer o conflito e a incompletude. Uma tal formação, segundo os autores, poderá se comprometer com a formação de cidadãos críticos, preparados para a convivência democrática com visões de mundo e interpretações oriundas de contextos culturais diferentes.

Para Bhabha (1994), cada cultura compreende um conjunto de significações cuja medida ou grandeza não encontra correspondência em nenhuma outra – daí a impossibilidade de convergência total entre os discursos de duas culturas, e a necessidade de uma tradução que respeite suas diferenças sem apagá-las. Uma tradução nesses termos, segundo Bhabha, pode nos ajudar a formar laços de solidariedade com outras culturas, através da consciência de nossas limitações, contradições e incoerências – em suma, nossa humanidade. O humano, segundo Bhabha, pressupõe uma experiência de tradução entre dois mundos: o individual, movido por nossos interesses pessoais em um momento específico de nossa existência, e o público, que aponta para além desse momento, como um hori-

zonte ético além de nossas experiências cotidianas, proporcionando um meio de avaliar as condições de nossas vidas e vislumbrar outros objetivos, valores e modos de vida.

ABSTRACT: This paper investigates the concept of cultural hybridity and its relevance to an analysis of issues of language, culture and identity in a world marked by intense cultural exchanges and by the necessity of openness to different ways of knowing and living. It goes on to suggest that the teaching of English in a critical literacy perspective can make students and teachers aware of the hybridity constitutive of languages and cultures. This process of awareness raising is part of the education of critical citizens, able to engage in cultural translation practices, dealing with conflict and living with world views and interpretations from diverse cultural contexts.

KEYWORDS: hybridity; English language teaching; critical literacy.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.M. *The Dialogic Imagination. Four Essays*. Trans. Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981. 480p.
- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992a. 200p.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992b. 512p.
- BHABHA, H. *Between Identities*. Homi Bhabha interviewed by Paul Thompson. 1995. s/n.
- BHABHA, H. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994. 440p.
- EDMUNDO, E.S.G. *Letramento crítico no ensino de inglês na escola pública*. Planos e práticas nas tramas da pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2013. 240p.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. 44a. Edição. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013. 143p.

- MENEZES DE SOUZA, L.M.T. Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha. In *Margens da Cultura: Mestiçagem, Hibridismo e Outras Misturas*. Benjamin Abdala Junior, org. São Paulo: Boitempo, 2004. 184p.
- MENEZES DE SOUZA, L.M.T. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? In: JORDÃO, C.M., MARTINEZ, J.Z. e HALU, R.C. (orgs.) *Formação "desformatada"*. Práticas com professores de língua inglesa. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 279-303.
- MONTE MÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R.F. (Org.) *Língua Estrangeira e Formação Cidadã*. Por entre discursos e práticas. 2ª. ed. Campinas: Pontes Editora, 2015. p. 31-50.
- MORGAN, B.; RAMANATHAN, V. Critical literacies in language education: distancing ourselves from dominant texts and discourse. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R.F. (Org.) *Língua Estrangeira e Formação Cidadã*. Por entre discursos e práticas. 2ª. ed. Campinas: Pontes Editora, 2015. p. 187-216.
- RAAB, J.; BUTLER, M. Introduction: Cultural hybridity in the Americas. In: *Hybrid Americas: Contacts, Contrasts, and Confluences in New World Literatures and Cultures*. Inter-American Perspectives. Perspectivas Interamericanas. London and New York: LIT Verlag, 2008. pp. 1-18.
- ROCHA, C. H.; MACIEL, R.F. (Org.) *Língua Estrangeira e Formação Cidadã*. Por entre discursos e práticas. 2ª. ed. Campinas: Pontes Editora, 2015. 240p.
- STROSS, B. The Hybrid Metaphor: From Biology to Culture. In: *The Journal of American Folklore*, Vol.112, Theorizing the Hybrid. Summer, 1999. p. 254-267.
- YOUNG, R.J.C. *Colonial Desire*. Hybridity in Theory, Culture and Race. London & New York: Routledge, 1995. 256p.
- YOUNG, R.J.C. *Postcolonialism*. An historical introduction. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. 510p.

Recebido em 30/09/2016.
Aprovado em 26/01/2017.